

Introdução

Desde os primórdios do capitalismo comercial a sociedade como um todo vivencia a existência de uma grave crise urbana, uma crise nas formas de produção e reprodução do espaço urbano, crise esta baseada nas questões de apropriação e dominação do espaço urbano. Esta crise urbana ocorre em escala mundial, em sociedades ditas desenvolvidas e principalmente nos países subdesenvolvidos. A produção e a reprodução do espaço urbano pelo modo de produção capitalista permitem que surjam novos aspectos da realidade urbana, ou mesmo que se evidencie o que estava oculto. A dinâmica urbana, atualmente, exprime os conflitos e contradições que permeiam a sociedade, principalmente o conflito entre as classes, a luta dos diferentes atores sociais pela apropriação e produção do espaço.

A produção do espaço nas sociedades capitalistas sempre esteve marcada pela desigualdade nas relações sociais de produção, e é principalmente no meio urbano, onde estão concentradas as grandes massas populacionais, que esta desigualdade mais se evidencia atualmente. Entendemos aqui que a sociedade urbana é marcada por intensos conflitos que envolvem a produção do espaço, sendo este o principal foco de nossa análise. Os conflitos que queremos salientar são principalmente as disputas territoriais, a luta pelo espaço, baseadas nas relações de apropriação e dominação do espaço urbano, o controle do espaço funciona assim como um instrumento de dominação, de controle das classes sociais mais desfavorecidas. A produção e a reprodução do espaço são, assim, elementos fundamentais à reprodução do capital e da sociedade como um todo, reprodução esta que se realiza no cotidiano.

Para realizar esta discussão, é necessário deixar claro o que entendemos por cotidiano, luta de classes e reprodução do espaço, além da questão da propriedade privada, categorias analíticas que vão nortear a pesquisa. Estas categorias de análise foram escolhidas pela relevância

no que tange ao objeto de estudo que pretendemos desenvolver aqui, buscando analisar os conflitos e contradições existentes na organização e distribuição das classes sociais no espaço urbano, na luta pela reprodução do espaço que envolve as diferentes classes sociais nas grandes cidades. A segregação, a partir da propriedade privada, a constituição de espaços periféricos e pobres permite a reprodução das relações de produção e das relações de classes (exploração), conforme nos aponta Lefebvre (1994).

A atual tendência de internacionalização do capital e a evolução técnica do capitalismo têm contribuído para gerar uma grande massa de pobres urbanos, principalmente nos países periféricos. Os impactos desta nova dinâmica do capital vão gerar um processo de favelização e de pauperização cada vez mais acentuado, principalmente em cidades dos países periféricos onde a questão habitacional não é levada como prioridade. Apontar o impacto das transformações do capitalismo e os conflitos que este impacto evidencia torna-se cada vez mais necessário para o entendimento das questões urbanas.

A Geografia pode contribuir para um melhor entendimento da discussão que envolve a análise da realidade urbana, e acreditamos que a busca do entendimento das disputas territoriais e dos conflitos que envolvem a apropriação no espaço urbano de uma grande cidade pode contribuir para novas discussões sobre a dinâmica urbana. Para isto, pretendemos realizar a análise da dinâmica urbana de uma grande cidade brasileira, a cidade do Rio de Janeiro, e tendo como recorte espacial uma área da cidade que apresenta grande valorização imobiliária, mas que possui também grande número de favelas, a Zona Sul, na área litorânea da cidade.

Partindo das idéias de Henri Lefebvre e David Harvey, dentre outros, e baseados no materialismo histórico dialético, pretendemos analisar a cidade do Rio de Janeiro a partir de certos conflitos que se expressam no seu espaço urbano. Buscamos apontar que a presença de favelas no Rio de Janeiro, especificamente nos bairros da Zona Sul da cidade, se configura atualmente como expressão de importantes conflitos e contradições no espaço urbano, entendendo aqui que as favelas não

representam os únicos conflitos do espaço urbano, mas sim um dos mais importantes, dentro de um contexto maior de um movimento de valorização do solo urbano e da inexistência de políticas de habitação realmente eficazes.

Entendemos o urbano como expressão da realidade, e a partir das formas concretas do real, buscamos compreender os aspectos e elementos contraditórios da realidade urbana. O materialismo dialético nos fornece uma base material para a realização desta análise; partindo das formas presentes no urbano, entendemos que as formas concretas do real contribuem para corroborar as contradições e os conflitos da sociedade atual, mas é fundamental também levar em consideração o simbólico, o imaginário que estas formas representam. A análise, portanto, está voltada para o empírico que está em foco em nossa pesquisa, a Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, mas entendendo que esse local, assim como as favelas ali inseridas, fazem parte de uma lógica maior, a lógica da reprodução do capital. Não são, portanto, organismos isolados, separados, e sim parte de um sistema que gera intensos conflitos e contradições que se expressam no espaço. A lógica espacial é a mesma na favela e fora dela, e a presença das favelas no espaço urbano está ligada a essa lógica.

A cidade do Rio de Janeiro é marcada pelo grande número de favelas existente em seu território. Desde o início da formação da cidade, as classes sociais de menor poder econômico procuraram ocupar áreas não utilizadas ou desprezadas pelo capital imobiliário, primeiramente ocupando áreas de encostas próximas às áreas centrais, depois se dispersando para as áreas periféricas da cidade. É importante aqui entender a evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro, principalmente dando enfoque ao movimento das classes sociais menos favorecidas no espaço urbano. A cidade do Rio de Janeiro, como capital do Império e da República, foi marcada pela presença de classes sociais antagônicas, sempre tendo passado por problemas envolvendo a questão habitacional. Já no século XIX, a cidade não oferecia moradias disponíveis suficientes para a sua população pobre, tendo esta que residir em cortiços e moradias afins, muitas vezes em situações insalubres e é a partir da

política de demolição dos cortiços na área central da cidade que iniciaremos a análise proposta.

A Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro é basicamente formada por bairros tradicionalmente voltados para as classes mais abastadas, e se diferencia bastante do restante da cidade pela qualidade da infraestrutura que oferece (econômica, política, cultural e de serviços), e pelo cotidiano que essa estrutura possibilita.

Entendemos aqui a favela como uma das questões do urbano, uma questão relativa à lógica da desigualdade e da segregação. A revalorização do solo urbano fez aumentar ainda mais esta lógica, aumentando o número de pessoas que vivem em favelas na atualidade. Na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, com todo o simbolismo que este local emana, o solo é visto como uma mercadoria bastante valorizada, o espaço é consumido, assim como as amenidades¹ presentes no local. A Zona Sul, além de toda a beleza natural, é a área que recebe maior atenção por parte do poder público.

Temos como objetivo central, portanto, analisar os conflitos e contradições que se expressam no espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente em se tratando da presença de favelas nos bairros da Zona Sul.

As questões que se colocam como fundamentais para o entendimento desta dinâmica são:

- a) Quais são os elementos que expressam a intenção dos atores sociais dominantes em manter a lógica segregadora da/na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro?
- b) Como é a relação nas áreas onde as classes sociais se misturam, na zona de fronteira entre o bairro e a favela?

¹ “Entendemos por amenidades urbanas um conjunto de características específicas de uma localidade com contribuição positiva ou negativa para a satisfação dos indivíduos. As amenidades não estão restritas a características naturais, como áreas verdes, praias, clima etc. Também estão incluídos na definição os bens (ou males) gerados pelo próprio homem, tais como trânsito, poluição, oferta de entretenimento, segurança etc.” (HERMAN E HADDAD, 2005). Bartik (1996, p 271), também contribui para esta discussão, afirmando que, quando as pessoas escolhem os lugares que vão viver ou trabalhar, *estão consumindo amenidades*.

- c) Como nossa análise se baseia na categoria do cotidiano, até que ponto essa população que habita as favelas da zona sul participa do cotidiano dos bairros, do direito à cidade?

Para responder a estes questionamentos e atingir o objetivo aqui proposto de apontar as favelas da Zona Sul como exemplo de expressão dos conflitos entre as classes no espaço urbano, pretendemos discutir a questão do direito à cidade, entendendo aqui este direito como o direito à vida urbana e tudo que este cotidiano possibilita: acessibilidade, infraestrutura, lazer, etc. O direito à cidade também envolve o direito à apropriação do espaço de moradia, apropriação no sentido de produzir seu próprio espaço, de construção do espaço de acordo com as necessidades dos atores sociais ali presentes (LEFEBVRE, 1991, p. 104). Acreditamos estar na falta do direito à cidade, imposta aos moradores de favelas, a disputa territorial que envolve a apropriação do espaço na Zona Sul do Rio de Janeiro.

Para operacionalizar essa leitura da realidade urbana e o entendimento dos diferentes conflitos que envolvem a presença das favelas na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro foram feitos levantamentos de alguns dados para análise das condições de vida da população desta área, tendo como fontes principais o IPP² e o IBGE³, além de um levantamento das bibliografias mais relevantes no processo de construção teórica do objeto de estudo.

Diferentes autores nortearão a discussão sobre o espaço aqui proposta. Dentro da perspectiva do materialismo histórico dialético, Henri Lefebvre nos guiará na discussão do espaço como um instrumento político, como produto social e também como uma dimensão influente nas relações sociais. O autor analisa a cidade e o urbano buscando elucidar as contradições existentes no espaço urbano, a reprodução do espaço urbano como elemento que permite a reprodução da sociedade e da

² O Instituto Pereira Passos é um órgão da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, vinculado à Secretaria Municipal de Desenvolvimento, responsável, entre outras coisas, pela produção de informações estatísticas, geográficas e cartográficas da Cidade do Rio de Janeiro.

³ Os dados utilizados foram relativos ao CENSO 2000.

manutenção das contradições atuais e o direito à cidade. Cabe aqui ressaltar a importância da dimensão espacial no trabalho desse filósofo, que coloca o espaço como tendo um papel ativo na sociedade. Na obra de Lefebvre, o espaço deixa de ser visto somente como receptáculo e ganha destaque, assim como a vida cotidiana. David Harvey também analisa a cidade e o espaço apontando as contradições no espaço urbano e contribui para este estudo com discussões sobre as relações de poder no espaço e a justiça social. Buscamos em Milton Santos a discussão sobre o espaço e sobre as formas-conteúdo, sobre a intencionalidade nas ações e na reprodução do espaço. Ana Fani Alessandri Carlos também nos traz uma importante discussão sobre a produção e a reprodução do espaço urbano, entendendo o espaço como um produto social, como produto não só da reprodução do capital, mas também, e principalmente, dos conflitos e contradições entre as necessidades do capital e as necessidades da sociedade como um todo. Edward Soja discute a abordagem marxista nos estudos sobre política e espacialidade, nos apresentando possíveis categorias analíticas de estudo.

A bibliografia sobre a favela é muito extensa. Diversos autores têm as favelas como objeto de estudo e muitos na cidade do Rio de Janeiro, dentre eles Mike Davis, que discute o processo de favelização do terceiro mundo e aponta como causas a atuação do capital global; Maurício de Almeida Abreu, que discute toda a evolução da cidade do Rio de Janeiro, apresentando o processo histórico que deu forma e conteúdo ao espaço urbano da cidade e o processo de formação das principais favelas na Zona Sul Carioca; e Lícia do Prado Valladares, que discute o processo de remoção de favelas na cidade do Rio de Janeiro e questões de identidade e estigmatização do favelado.

Após levantamento bibliográfico, foram realizados diferentes trabalhos de campo pelos bairros da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de aproximar-nos da realidade e do cotidiano das pessoas que vivenciam os bairros e as favelas da região. Foram visitadas três favelas da Zona Sul, escolhidas pelas suas características diferenciadas: a favela Santa Marta, a favela com as piores condições de vida na Zona e que passa recentemente por uma ocupação policial; a

favela Chácara do Céu, favela relativamente pequena e bastante isolada no costão do morro Dois Irmãos; a favela da Rocinha, uma das maiores favelas da América Latina e com importante dinâmica social e econômica. Foram visitados também dois bairros, principalmente as áreas próximas aos acessos de favela, o bairro do Flamengo e do Leme, onde foi possível observar a dinâmica das áreas de contato entre os bairros e as favelas, além de conversar com moradores a respeito destas áreas de contato.

Como segunda etapa, realizamos alguns questionários abertos para os atores envolvidos nesta dinâmica, moradores de bairros e favelas, presidentes de associações de moradores de bairros e favelas, com intuito de ouvir o que todos têm a dizer sobre seus problemas e suas necessidades. Os trabalhos de campo e as entrevistas nos permitiram, de forma bastante ampla, uma aproximação do cotidiano dos bairros em análise.

Qualquer discussão da dinâmica urbana que envolva a questão das áreas faveladas tem sempre muitas considerações importantes. Uma delas é a dificuldade de se encontrar uma única definição oficial de favela e das áreas faveladas, existindo várias definições de órgão oficiais. Para definir as favelas que estarão presentes na pesquisa, utilizaremos a delimitação das áreas feitas pelo IPP (Instituto Pereira Passos), sobre a qual pretendemos construir um mapeamento das áreas faveladas. A dificuldade de se obter dados oficiais realmente corretos é grande quando se trata de favelas, além da grande divergência entre os dados oficiais, que ocorre devido à diferença entre as metodologias utilizadas por diferentes órgãos, como o IBGE e o IPP, que gera dados divergentes.

Outra consideração importante é a polêmica em torno da utilização do termo favela, ao invés do termo “comunidade”. Comunidade ou comunidade carente nos passa a idéia de uma interação do grupo com o seu entorno, da identidade social de um grupo que vive em harmonia com o seu espaço, que não cabe ser discutida aqui, pois o termo comunidade tem um sentido muito amplo⁴. Neste estudo, utilizaremos sempre o termo

⁴ Sobre o conceito de comunidade D’Avila Neto (2004) , citando Simmel (1909) afirma que “A concepção de comunidade, cujos laços de solidariedade, engendramento de iguais e fraternos poderiam ser os elementos de nossa nostalgia de uma unidade perdida, tornar-se-ia o

favela e áreas faveladas, é não é nossa preocupação explicitar exatamente o que ele significa. O termo favela, para nós, representa o espaço de uma população que vive sob determinadas formas de habitação e determinadas considerações simbólicas e culturais, antagônicas e complementares a classes sociais mais abastadas.

As características das favelas da área estudada também devem ser levadas em consideração, principalmente quanto a heterogeneidade das áreas estudadas. Ao mesmo tempo em que é na Zona Sul que se encontra uma das maiores favelas da América Latina, a Rocinha, muitas favelas são bem pequenas e antigas na área. Os movimentos sociais e a representação política destas populações também serão levados em consideração nas favelas da Zona Sul, principalmente em relação às favelas maiores, sendo um aspecto muito importante na discussão proposta. A questão ambiental também será considerada, visto a existência de uma política de controle de favelas que serve a uma opinião pública que cobra ações governamentais de remoção de populações faveladas, uma política baseada na proteção de áreas florestais e no controle de mananciais.

O desenvolvimento da sociedade como um todo só pode ser concebido pela realização da sociedade urbana. Acreditamos que a cidade deveria reunir os interesses de todos aqueles que a habitam e não apenas refletir conflitos e contradições entre os atores sociais. Esperamos que a análise desses conflitos possa servir para a tentativa da criação de um espaço urbano mais justo, que garanta a todos o direito à cidade. Neste sentido, concordamos com Harvey (1980, p. 125) quando afirma que a Geografia pode contribuir na orientação do pensamento *“para formular conceitos e categorias, teorias e argumentos que possamos aplicar a tarefa de possibilitar a mudança social humanizadora”*, e não de forma abstrata, mas de forma a buscar no real, na prática, *“com respeito a eventos e ações, tais como eles se desdobram em torno de nós”*.

oposto de uma sociedade fragmentada, perda da unidade e desfeitos os laços”. Entendemos que a utilização do eufemismo Comunidade para designar as favelas seria uma tentativa de caracterizar o grupo que vive neste local diferenciando-o dos que não vivem lá, além de quebrar certos estereótipos de que a favela seria o lugar da Malandragem e da violência, um mecanismo de defesa da própria comunidade.

Esperamos que a análise nos permita contribuir ainda para a busca de uma nova visão da favela, livre de estigmas e integrada no contexto da cidade, como o local escolhido como moradia do trabalhador pobre urbano, e não como o local preferencial da violência e da marginalidade. Para tentar acabar com este estigma, a busca pelos conflitos e contradições pode contribuir, pois tentaremos mostrar aqui o quanto o imaginário social pode contribuir para aumentar a desigualdade e a distância social. Acreditamos também que acabar com o estigma permitiria também ampliar a luta pelo direito à cidade.

A questão de uma definição metodológica para uma teoria geográfica do urbano se coloca desde muito tempo. Muitos termos e conceitos utilizados pela Geografia vêm de outras áreas do conhecimento, principalmente da sociologia urbana. Mesmo assim, a geografia urbana, avançou bastante nas últimas décadas, principalmente com a introdução do método dialético.

A importância deste método para a Geografia consiste na prática de não isolar o objeto considerado, no caso os fenômenos do urbano, investigando as suas ligações, as suas relações constantes com outros fenômenos (LEFEBVRE, 1974, p. 27). A importância da análise dialética também está no fato de não realizar uma leitura fechada da realidade, observando o fenômeno de forma isolada, mas observando a lógica da reprodução do capital. A realidade contemporânea apresenta enormes desafios para sua análise, desafios estes que precisamos superar, e acreditamos que a análise dialética fornece importantes ferramentas para o entendimento da realidade atual.

Karl Marx e Friedrich Engels nos fornecem a mais importante contribuição deste método, sendo os primeiros efetivamente a pensar o materialismo histórico dialético, partindo de idéias baseadas no materialismo de Feuerbach e na dialética de Hegel. Para estes autores a base de qualquer estudo deve ser a base material, a forma pela qual o homem produz seus meios de existência, realizando uma crítica à filosofia alemã, desvinculada da realidade.

As premissas de que partimos não são bases arbitrárias, dogmas; são bases reais que só podemos abstrair na imaginação. São os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de existência, tanto as que eles já encontraram prontas, como aquelas engendradas de sua própria ação. Essas bases são pois verificáveis por via puramente empírica (MARX E ENGELS, 1932, p. 10).

Para os autores, a historiografia deve levar em consideração as bases naturais e de sua transformação pela ação do homem (MARX E ENGELS, 1932, p. 10). Entendem que o homem representa na verdade *“um produto histórico, o resultado da atividade de toda uma série de gerações”*, visto que cada geração predecessora é também produtora do seu espaço, já que modifica as relações de produção de acordo com a modificação de suas necessidades (MARX E ENGELS, 1932, p. 43).

Quanto a produção simbólica, Marx e Engels acreditam que está bastante ligada a produção da vida material, que as idéias e a consciência do homem são subordinadas à produção material e às relações de produção. Segundo eles, a *“produção das idéias, das representações e da consciência está, a princípio, direta e intimamente ligada à atividade material e ao comércio material dos homens; ela é a linguagem da vida real”* (MARX E ENGELS, 1932, p. 18). Para entender a realidade do homem, portanto, acreditam que devemos partir da vida real, da produção material, passando também pela produção simbólica advinda da materialidade existente. A vida material, a evolução da história material do homem é marcada pelas relações de produção capitalistas, baseadas na divisão do trabalho e na propriedade privada, e, portanto, a realidade está marcada por intensos conflitos e contradições entre as diferentes classes.

Para Gurvich (apud QUEIROZ, 1978), observar os conflitos, buscá-los no interior de fenômenos, mesmo aqueles que pareçam mais equilibrados e em harmonia, é tarefa fundamental da dialética, sendo esta o principal método de estudo deste autor para entender a realidade social. A dialética serve como base, como um instrumento fundamental para qualquer análise social, não sendo simplesmente a explicação. A explicação estaria na história, na evolução histórica da sociedade e nos

fenômenos intrínsecos a ela. Os fenômenos sociais estão sempre apresentando contradições e conflitos,

a realidade socioeconômica, cultural e política é de diversidade infinita, com multiplicidade de aspectos que não podem nunca se harmonizar totalmente entre si, - pluridimensionalidade que, devido às suas próprias características, nem estaciona e nem se equilibra (GURVICH apud QUEIROZ, 1978, p.35).

Para Lefebvre (1974, p.26), o método dialético busca analisar uma realidade objetiva, concreta, buscando entender as contradições que estão presentes nessa realidade. Este autor afirma ainda que *“após ter distinguido os aspectos ou elementos contraditórios, sem negligenciar as suas ligações, sem esquecer que se trata de uma realidade, Marx reencontra-a na sua unidade, isto é, no conjunto de seu movimento”*.

A dialética dá ênfase à pesquisa (investigação), seguida da explanação. Portanto, fica clara a necessidade de análises empíricas para se chegar às contradições e aos conflitos que sustentam a realidade social, econômica e política atuais. É necessário ainda ter em mente a importância de se chegar ao movimento da sociedade, das relações que sustentam a sociedade urbana capitalista, conforme nos aponta Lefebvre (1987, p. 238),

o método dialético busca captar a ligação, a unidade, o movimento que engendra os contraditórios, que os opõe, que faz com que se choquem, que os quebra ou os supera. Assim, no mundo moderno, o exame e a análise mostram que as condições econômicas – a própria estrutura das forças produtivas industriais – criam as contradições entre os grupos concorrentes, classes antagonistas, nações imperialistas. Portanto, convém estudar esse movimento, essa estrutura, suas exigências, com o objetivo de tentar resolver estas contradições.

As proposições feitas até aqui exemplificam um método de estudo que nos serve aqui como a ferramenta de análise mais apropriada para o entendimento da realidade urbana que pretendemos observar. A análise da produção do espaço urbano a partir do método dialético, segundo

Carlos (1994, p. 14) não é uma transposição de categorias marxistas para a geografia, mas de sua superação, criando novas categorias de análise propriamente geográficas. Para isto, torna-se importante *“repensar a geografia e a sua capacidade de analisar os fenômenos que se propõe. Trata-se, em princípio, de entender a relação homem-natureza num outro patamar, o que significa repensar o lugar do homem dentro da geografia e o significado do espaço”* (CARLOS, 1994, p.14).

A análise urbana marxista, via análise dialética, vem buscando alternativas que busquem entender os fenômenos sociais em sua totalidade. As abordagens marxistas mais comuns, o marxismo ortodoxo e o estruturalismo, não forneceram as respostas que se esperavam diante de toda a complexidade dos fenômenos urbanos. Desde a década de 50, surgem autores que visam inserir uma perspectiva humanista nas leis inexoráveis do marxismo.

A perspectiva humanista, segundo Gottdiener (1997, p. 116), busca se estender *“desde o nível de estruturas abstratas, como a economia e a política, ao nível individual, comportamental da vida cotidiana alienada”*. O que se busca, na verdade é a inserção da dimensão subjetiva, do sujeito individual, nas análises urbanas. Para estes autores, o entendimento do espaço urbano em sua totalidade deve abarcar, sem sobrepor, o material e o imaterial, o objetivo e o subjetivo, o sujeito, o objeto e as representações.

A utilização do método dialético também enfatiza principalmente a busca pela totalidade sem o afastamento do cotidiano, o olhar para os conflitos sem se fixar neles, entendendo que eles fazem parte de um todo. Entendemos aqui a favela como um dos conflitos do urbano, mas não o único, o urbano é muito mais que isso. Conforme aponta Lefebvre (2008, p. 54) *“a totalidade não está presente imediatamente nesse texto escrito, a Cidade. Há outros níveis de realidade que não transparecem (não são transparentes) por definição”*. Entendemos também que a pobreza urbana não está só na favela, está muitas vezes dispersa por várias áreas da cidade, e somente o olhar para as especificidades dos lugares nos revelam aquilo que está escondido, fora dos padrões.

Baseados nestas afirmações, estamos propondo aqui uma visão da cidade como símbolo da lógica atual, de contradições que se mostram na organização espacial das cidades. Na maioria das cidades, as contradições e os conflitos são evidentes e ficam ainda mais claros quando analisamos as formas espaciais e a organização do espaço urbano, onde se observa a segregação de grupos sociais, a presença de favelas, a distribuição irregular de equipamentos de infra-estrutura urbana, de serviços e lazer.

Além das contradições que se evidenciam nas formas e na organização espacial, é importante considerarmos o papel da questão simbólica presente nas formas, o caráter subjetivo do espaço urbano, que também influencia na própria formação da sociedade urbana, já que a forma está imbricada de simbolismo. Para discutir esta visão da cidade como símbolo de uma lógica atual, que expressa toda a contradição presente na sociedade, é importante também entender o papel do espaço na reprodução da sociedade.

Nossa pesquisa está estruturada em três capítulos além deste introdutório e das considerações finais. No primeiro capítulo, intitulado *a produção e reprodução do espaço urbano*, buscamos realizar uma análise do papel do espaço na reprodução da sociedade, pensando em como a produção do espaço pode contribuir para a manutenção de uma sociedade desigual e segregadora. Realizamos um debate teórico sobre a reprodução do espaço pela sociedade capitalista, mas sem nos afastar da realidade da sociedade e do objeto de estudo.

No capítulo dois, intitulado *as favelas do Rio de Janeiro: origem e situação atual*, realizamos um pequeno histórico sobre a origem e a formação das favelas na cidade do Rio de Janeiro, assim como trazemos dados oficiais sobre a situação atual do favelado na cidade. A intenção aqui é situar a favela atual da Zona Sul no contexto de formação da cidade, buscando justificativas do porquê da situação atual das favelas permanecer pouco modificada em relação ao surgimento das favelas.

No capítulo três, intitulado *Zona Sul: proximidade física, distância social*, discutimos especificamente as contradições e conflitos gerados pela presença de favelas na Zona Sul, como a chegada da favela na Zona

Sul, entendida já como um conflito, assim como o período de remoções de favelas concentradas nesta área da cidade. Discutimos ainda as áreas de contato entre os bairros e as favelas, a estigmatização do favelado e a espetacularização da pobreza. Todos esse elementos apontam para a existência de conflitos e contradições na relação entre a favela e os bairros onde estão inseridos.